

ENFERMAGEM NA IDENTIFICAÇÃO E MANEJO DA SEPSE

Flavia Caroline Correa Aquino¹
Patrikson dos Santos Matias¹
Vitória Sodré Bretas¹
Giuliana Fernandes e Silva²

aquinoflavia14@gmail.com

ÁREA DO CONHECIMENTO: Ciências da Saúde

RESUMO

A sepse provoca anualmente milhões de mortes em todo o mundo. É sabido que a detecção precoce se mostra fundamental para o tratamento adequado e maiores chances de cura. Neste cenário, a capacitação da equipe de enfermagem para a identificação de sinais e sintomas é primordial, por ser a categoria que está presente em todas as etapas da assistência à saúde. Objetivo: descrever a importância da identificação precoce dos sinais da sepse e as formas de manejo e prevenção. Métodos: Realizou-se uma pesquisa bibliográfica utilizando bibliotecas e bases de dados eletrônicas, como LILACS, SCIELO, Google Acadêmico e PubMed com o intuito de identificar artigos científicos publicados nos últimos cinco anos que abordassem a temática. Resultados: Os estudos apontam a necessidade de fornecer uma visão abrangente e atualizada sobre a sepse, capacitando os profissionais de enfermagem a desempenhar um papel fundamental na identificação precoce, tratamento eficaz e prevenção desta condição crítica, contribuindo assim para a melhoria da qualidade dos cuidados de saúde e para a redução da mortalidade associada à sepse.

PALAVRAS-CHAVE: Sepse; Enfermagem; Resposta imunológica.

INTRODUÇÃO

A sepse é a disfunção de um ou mais órgãos decorrentes da presença de uma infecção. Essa infecção pode ser grave, inicialmente, ou pode não ser tão grave, mas que não foi tratada ou não foi controlada adequadamente. É uma infecção que pode acarretar uma resposta inflamatória no próprio órgão onde ela se originou e estender e afetar outros órgãos, causando uma inflamação em diferentes partes do corpo.

1 - Acadêmicos do curso de enfermagem do 8º período da faculdade univértix três rios.

2 - Doutora em enfermagem pela Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EEAN/UFRJ). Mestre em Enfermagem pela UFRJ/EEAN. Enfermeira Obstétrica pela UFRJ/EEAN - Docente na UNIVÉRTIX- Três Rios.

A sepse acomete pessoas de qualquer idade, sendo mais comum em recém-nascidos e pacientes idosos, mas afeta também aqueles que têm algum grau de deficiência no sistema imune, chamados de imunossuprimidos (FIOCRUZ, 2021).

A doença cursa com ampla lesão orgânica em sua fase aguda, o que pode comprometer cronicamente a capacidade física e mental daqueles que sobrevivem, os quais podem ter sua qualidade de vida seriamente afetadas (WESTPHAL *et al.*, 2012).

O enfermeiro, é o profissional que permanece a maior parte do tempo nos cuidados direto ao cliente, por isso eles devem estar devidamente capacitados para identificar os sinais e sintomas da sepse. Além de planejar e implementar uma assistência de qualidade, diante das necessidades de cada cliente. Portanto, entende-se que uma constante atualização na área é de competência do enfermeiro, para garantir um Cuidado de Enfermagem de qualidade (COREN-SP, 2016).

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho foi descrever a importância da identificação precoce dos sinais da sepse e as formas de manejo e prevenção.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Por ser uma patologia que acompanha os seres humanos desde o passado e tem altos índices de casos em torno de 60% no Brasil e 30% no mundo. A sepse é uma das principais causas de mortalidade hospitalar tardia e a principal causa de morte nas unidades de terapia intensiva, superando o infarto agudo do miocárdio e o câncer (SANTOS *et al.*, 2015).

A septicemia representa o agravamento clínico-patológico de disseminação de um agente agressor, frequentemente bacteriano no sangue, aumentando os riscos de morbidade e mortalidade para o paciente o que pode ser determinado por vários fatores intrínsecos e extrínsecos, dentre das quais podemos relatar as características do patógeno, a resistência deste ao antibiótico, o estado nutricional do paciente, o grau e a natureza da resposta inflamatória do hospedeiro (TOMAZ; MENDES, 2014).

A sepse, a algum tempo atrás, era conhecida como septicemia. Atualmente ela é tratada como infecção generalizada, sendo classificada como uma resposta inflamatória sistêmica do hospedeiro, que desenvolve graves alterações de foco infeccioso no organismo. Já sepse grave, é habitualmente identificada como a presença da sepse, de origem suspeita ou confirmada, acometendo múltiplos órgãos com baixa perfusão nos tecidos, que induz o paciente ao choque séptico. O choque séptico age em decorrência da sepse grave, caracterizada por hipotensão ou hipoperfusão refratária a reanimação volêmica, sendo necessário a administração de drogas vasopressoras (DIAS *et al.*, 2014).

A doença, antes diagnosticada pela associação de uma infecção à Síndrome da Resposta Inflamatória Sistêmica (SIRS), passou a ser definida como disfunção orgânica ameaçadora à vida, secundária a uma resposta aberrante do hospedeiro frente a uma infecção. Embora a presença de SIRS não seja necessária para o diagnóstico de sepse, ela continua sendo imprescindível para triagem de pacientes potencialmente infectados (INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE SEPSE, 2016).

Essa infecção pode manifestar-se através de sinais e sintomas que traduzem a reação do organismo a presença desta grave infecção, essa resposta é manifestada pela presença de duas ou mais condições, entre essas a temperatura axilar acima de 37,8°C, ou menor que 35° C, frequência cardíaca maior que 90 batimentos por minuto, contagem de glóbulos brancos no sangue periférico maior que 12.000/mm³ ou menor que 4.000/mm³ ou presença de formas jovens como os bastões. Além disso, existem outras disfunções orgânicas como o rebaixamento do nível de consciência, confusão mental, agitação ou coma, dispneia ou necessidade de oxigênio para manter a saturação acima de 90%, presença de oligúria ou elevação da creatinina maior que 2mg/dL e aumento significativo de bilirrubinas (BRASIL, 2022).

Sendo assim, a sepse é um grande problema de saúde pública, visto que afeta respectivamente 50 milhões de pessoas todos os anos no mundo, das quais aproximadamente 11 milhões apresentam complicações e vão a óbito. Estima-se que cerca de 20% de todas as mortes no mundo estão associadas a essa

infecção, mas em muitos casos essas poderiam ser evitadas. Além disso, o Brasil apresenta uma das maiores taxas de letalidade por sepse no mundo, calculada em 55,7%, devido a alguns problemas como o reconhecimento tardio e o tratamento inadequado (ILAS, 2022).

A sepse é a principal causa de falência de múltiplos órgãos em unidades de terapia intensiva (UTI). Outras doenças que podem desencadear esse quadro são, por exemplo, politrauma e pancreatite aguda. Caracteristicamente, tais doenças produzem uma resposta inflamatória bifásica, marcada por uma fase aguda, na qual ocorrem secreção maciça de hormônios de estresse, resposta pró-inflamatória e aumento na atividade metabólica, e por uma fase tardia, na qual a resposta metabólica se encontra deprimida, ocasionando disfunção e choque séptico. Pacientes críticos, não raramente, apresentam disfunção de órgãos distantes do local inicial do insulto. A disfunção de múltiplos órgãos é a principal causa de morbidade.

De acordo com o Instituto Latino-Americano para Estudos da Sepse (2015), a sepse é uma doença de alta infectividade e que se manifesta através de diferentes estágios clínicos e fisiopatológico, tornando-se um grande desafio para a equipe multiprofissional das Unidades de Terapia Intensiva (UTI), o reconhecimento precoce de sinais e sintomas, para uma tomada de decisões, que possa de imediato iniciar um tratamento eficaz, para combater a infecção.

A sepse permanece como a causa mais comum de óbito em UTIs em todo o mundo. Sua mortalidade em trials clínicos recentes, realizados no intuito de avaliar novas estratégias de tratamento, variou entre 30 e 45%. Desde as primeiras descrições sobre o tema feitas por Lewis Thomas, há o conceito de que a resposta inflamatória na sepse parece ser desproporcional à agressão e de que esta última seria a responsável pela mortalidade dos pacientes.

Dias *et al.* (2014), ressalta que 30% das internações em leitos de UTI no Brasil são ocupadas por pacientes críticos e com diagnóstico de sepse grave. E que apesar dos avanços tecnológicos para a obtenção do diagnóstico precoce, faz-se necessário uma monitorização hemodinâmica e metabólica intensiva e mais

expressiva tanto associado a modernidade dos recursos materiais terapêuticos, quanto a um conhecimento adequado dos profissionais referentes ao diagnóstico clínico da sepse.

Já que desta forma, uma identificação adequada para um tratamento precoce da doença torna-se uma necessidade para uma avaliação positiva da profilaxia do paciente (LIMA; PACANÇO, 2016)

Por tanto, destaca-se que a enfermagem tem importante papel referente à sepse. Já que este, é um profissional que lida diariamente frente às necessidades do paciente crítico e não-crítico (DIAS *et al.*, 2014). Segundo o ILAS (2014), às ações adequadas para um atendimento de referência à sepse, está fundamentada nas diretrizes da campanha para a sobrevivência desta infecção, onde tem-se medidas para o combate da doença.

Nesse contexto, esse estudo é justificado pela necessidade de identificar de forma precoce os sinais da sepse, bem como, preveni-la e promover os cuidados de enfermagem.

METODOLOGIA

Realizou-se uma pesquisa bibliográfica utilizando bases de dados eletrônicas, como LILACS, SCIELO, Google Acadêmico e PubMed, com o intuito de identificar artigos científicos publicados nos últimos cinco anos que abordassem a participação da enfermagem na identificação e manejo de septicemia. A seleção final compreendeu sete artigos relevantes para a análise.

Foram utilizados os seguintes termos de busca: "Identificação da sepse", "Manejo da sepse", "Cuidados de enfermagem em sepse". A pesquisa considerou exclusivamente artigos científicos publicados nos últimos cinco anos, ou seja, de 2018 a 2023, a fim de assegurar a obtenção de informações atualizadas e relevantes para o tema Enfermagem na identificação e manejo de septicemia.

Após a realização da pesquisa nas bases de dados, foram encontrados diversos artigos relevantes sobre o tema. A seleção final dos artigos a serem

incluídos na análise foi realizada com base na relevância, qualidade e contribuição para o estudo de enfermagem na identificação e manejo da sepse.

Quadro 1: Caracterização dos estudos selecionados nas bases de dados LILACS, SCIELO, Google Acadêmico e PubMed, 2023.

TÍTULO	AUTOR/ANO	OBJETIVO DO ESTUDO
Identificação e tratamento precoce da sepse: uma revisão integrativa.	Andreza santos guerra <i>et al.</i> , 2020	Apresentar uma revisão acerca da identificação e tratamento precoce da sepse e a importância das medidas profiláticas necessárias para evitar sepse no paciente hospitalizado.
O papel do enfermeiro perante o paciente crítico com sepse.	Maria joão chambel branco <i>et al.</i> , 2019.	Conhecer as intervenções de enfermagem na identificação, prevenção e controle da sepse no paciente crítico.
Assistência de enfermagem ao paciente com sepse: análise à luz do modelo conceitual de myra levine.	Déborah albuquerque alves moreira <i>et al.</i> , 2022	Estimular a reflexão acerca da assistência de enfermagem ao paciente com sepse a partir dos quatro princípios de conservação propostos pelo modelo conceitual de myra levine
Sepse: a maior causa de morte nas utis.	Antônio fuchs <i>et al.</i> , 2021	Reconhecer a sepse de modo imediato, mais precocemente, uma vez que ela é uma infecção que depende do momento em que foi diagnosticada.
Levantamento do custo da internação por septicemia.	Leonardo martins raposo <i>et al.</i> , 2018	Descrever as variáveis que interferem no custo financeiro de um paciente séptico em território brasileiro, a partir de novo protocolo de diagnóstico e manejo de sepse.
Fatores associados ao desenvolvimento de sepse em pacientes internados em terapia intensiva cirúrgica: estudo retrospectivo.	Mariana figueredo de Araújo freitas <i>et al.</i> , 2021	Verificar a associação entre os fatores de risco e o desenvolvimento de sepse em pacientes cirúrgicos ou hemodinâmicos internados em uma unidade de terapia intensiva (UTI) cirúrgica.
Sepse após a alta da uti: um	Teixeira, cassiano <i>et al.</i> , 2021	Descrever a morbimortalidade

problema de saúde pública.		em longo prazo dos pacientes sobreviventes de sepse, seus efeitos sobre o sistema de saúde e as possíveis ações voltadas a minimizar as sequelas desta síndrome que acomete aproximadamente 1/3 dos pacientes admitidos em unidades de tratamento intensivo
----------------------------	--	---

RESULTADOS E DISCUSSÕES

De acordo com o estudo realizado, cinco dos sete autores mencionados, relataram que o quadro de sepse é diagnosticado, frequentemente, de forma tardia, já que os sinais e sintomas atualmente utilizados para o diagnóstico, como alterações na contagem de leucócitos, febre, taquicardia e taquipnéia não são específicos da sepse. Concomitantemente, falta adequado conhecimento a seu respeito entre profissionais da saúde.

Esse desconhecimento tem inúmeras causas, entre elas, o déficit na formação e a falta de definições precisas e processos adequados para ajudar na identificação e tornar o planejamento de cuidados mais rápido e efetivo. Devido à alta morbimortalidade da sepse, é imprescindível sua rápida identificação. Porém, esta é uma tarefa complicada, pois suas manifestações podem ser confundidas com as de outros processos não infecciosos ou podem, em muitos casos, passar despercebidas. Além disso, exames laboratoriais, como hemograma, dosagem de creatinina ou ionograma possuem baixa sensibilidade e especificidade. Por sua vez, as culturas solicitadas na suspeita de sepse não têm resultados prontamente disponíveis, o que poderia postergar o início do tratamento específico dirigido ao agente etiológico (COREN-SP, 2017).

Após informações, pode-se dizer que é de extrema importância o enfermeiro ter conhecimento e habilidade para uma identificação precoce da sepse, pois um conhecimento sobre suas definições, critérios de reconhecimento precoce e intervenções necessárias ajudam em um diagnóstico positivo ao paciente, evitando se possível o seu óbito (LIMA *et al.*, 2020).

Porém, para que a identificação seja precoce e o tratamento adequado são fundamentais a aplicação efetiva dos protocolos de sepse e o treinamento dos profissionais de saúde, principalmente da equipe de Enfermagem, para que estes sejam capazes de identificar os sinais da sepse, reconhecendo as principais manifestações clínicas. A equipe de Enfermagem tem um papel de extrema importância no diagnóstico precoce da sepse, pois é a que se mantém mais tempo próxima ao paciente, devido ao seu perfil cuidador, por este motivo se torna primordial o conhecimento das definições, reconhecimento precoce das manifestações clínicas desencadeadas pela infecção e implementação de intervenções específicas (COREN-SP; 2017).

Porém, controlar a sepse torna-se cada dia mais complicado, já que os profissionais de saúde, de fato não possuem uma autonomia nas tomadas de decisões referente a sepse, pois a responsabilidade de controlar e monitorar a sepse pertence a CCIH (Comissão em Controle de Infecção Hospitalar), que diminui a responsabilidade do profissional de saúde, transferindo essa responsabilidade a CCIH que tem o poder de fiscalizar/supervisionar os implementos e intervenções, objetivando a prevenção e o controle da sepse nas Unidade de Terapia Intensiva (RODRIGUES, PAULA e SANTANA, 2017).

Criada na década de 80 pelo Ministério da Saúde, e sancionada pela portaria 196 de 24 de julho de 1983, posteriormente regulamentada no dia 12 de maio de 1998, a CCIH representada por médicos e enfermeiros, veio com o objetivo de realizar o controle epidemiológico na unidade, coletando dados, sistematizando e fiscalizando a assistência de enfermagem. Dano ao enfermeiro atribuições e habilidades, capacitando o mesmo para o planejamento, implementação e a participação dos programas de qualificação e promoção à saúde da sociedade (LELIS, AMARAL e OLIVEIRO, 2017 apud ANVISA, 2004).

A partir disso, a Organização Mundial de saúde (OMS) lançou em 2008, o programa Cuidado Limpo é Cuidado Seguro, que tinha como prioridade a higienização das mãos classificadas como oportunidades. As oportunidades dividiam-se em: 1. Antes do contato com o paciente; 2. Antes da realização de

processo limpo/asséptico; 3. Após a exposição com fluidos corporais e 4. Após o contato com o ambiente próximo ao paciente e 5) após tocar superfícies próximas ao paciente (OMS, 2023). A aplicação desse método tinha como objetivo induzir a equipe na conscientização sobre a importância do Higienizar as Mãos, dentro da rotina da equipe multiprofissional das unidades de saúde, principalmente em UTIs, analisando sempre os índices de IRAS e sepse na UTI (BATHKE *et al.*, 2013).

No intuito de reduzir os índices de mortalidades relacionados à sepse em Unidades de Terapia Intensiva, faz-se necessário que haja a realização de diagnóstico imediato, que identifique possíveis disfunções orgânicas. Quando o diagnóstico for confirmado, por sepse grave ou choque séptico torna-se indispensável o estabelecimento de condutas nas primeiras horas de diagnóstico, que visem uma estabilização hemodinâmica do cliente crítico (LELIS, AMARAL e OLIVEIRA, 2017).

Diante disso, criou-se, alguns pacotes denominados de bundles, que significa um conjunto de intervenções científicas evidenciadas e publicadas em artigos científicos, que contém condutas para as primeiras horas do diagnóstico de sepse (três e seis horas), e que são intervenções primárias para o tratamento da infecção, tendo o enfermeiro com um importante papel diante da sua aplicação (ZANON, 2008).

Para isso, é necessário que o enfermeiro tenha total iniciativa para o início de uma observação criteriosa das manifestações clínicas, como a: hipoperfusão, a hipotensão, hipoxemia e oligúria. Também são avaliados os parâmetros hemodinâmicos da frequência cardíaca, PVC e a saturação venosa devem ser destacados. (ABCMED, 2014).

Para que as necessidades humanas dos pacientes sépticos sejam atendidas, devemos seguir os passos contidos na Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE). Esses passos organizam o trabalho quanto ao método, pessoal e instrumentos, possibilitando a operacionalização do processo, orientando o cuidado por meio do Processo de Enfermagem (PE). Esse processo é constituído por cinco fases inter-relacionadas que incluem: coleta de dados, Diagnósticos de

Enfermagem (DE), planejamento, intervenções de Enfermagem e avaliação dos resultados por meio de uma abordagem voltada à solução de problemas e ao estabelecimento de metas para atingir os melhores resultados (COREN-SP, 2017).

A aplicabilidade da SAE é realizada por meio do Processo de Enfermagem (PE), onde possibilita o profissional identificar, descrever, compreender os planos de cuidado e traçar as intervenções de enfermagem, proporcionando uma melhor qualidade da assistência, aumentando a satisfação e crescimento da enfermagem, permitindo aplicar os conhecimentos teóricos na prática, fortalecendo-a enquanto ciência, tornando-a mais precisa e eficiente (VENTURINI, 2009; GARCIA, 2010).

Em busca do diagnóstico e da otimização no tratamento do paciente com sepse, cabe à equipe realizar a sua identificação precocemente, assim como aqueles com risco para o seu desenvolvimento, realizar uma assistência crítica de forma precisa e ágil, embasada em conceitos, para que identifique as medidas eficazes e modifique-as, proporcionando o pleno cuidado, auxiliando no tratamento correto e direcionado. Conhecer as características clínicas da doença podem resultar em decisões que auxiliam tanto para o estabelecimento do diagnóstico precoce quanto em intervenções mais precisas e direcionadas, que podem contribuir na prevenção de complicações (morbidade e mortalidade) (SANTOS AM, SOUZA GRB, OLIVEIRA AML 2016).

De acordo com a Resolução 358/2009 do COFEN o processo de enfermagem, liderado pelo enfermeiro, deve ser executado em todos os ambientes públicos ou privados onde se tenha o cuidado de enfermagem, cabendo privativamente ao enfermeiro o diagnóstico de enfermagem e as prescrições dos cuidados. O processo de enfermagem exige uma constante avaliação, pois é necessário adequá-lo às necessidades do paciente. Sua realização não pode se dar de forma mecânica e repetitiva (COFEN, 2009).

A Sistematização da Assistência de Enfermagem permite que o trabalho gerencial e assistencial do enfermeiro aconteça de forma articulada, qualificando o cuidado e planejando a assistência, atuando como um canal de comunicação

multiprofissional, permitindo que o enfermeiro tenha maior respaldo legal e autonomia (ALMEIDA E MARQUES, 2009).

Para que os cuidados de enfermagem ao paciente com sepse sejam apropriados é necessário que o enfermeiro conheça sobre a doença: suas definições, fisiopatologia, manifestações clínicas, e as condutas terapêuticas que devem ser aplicadas. Desta forma, o profissional supracitado deve se tornar um canal, transmitindo conhecimentos para a equipe multiprofissional, implementando protocolos com as condutas pertinentes, embasado em conhecimento científico, para que as intervenções sejam aplicadas de forma uniforme (SIQUEIRA, 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a sepse é considerada um problema de saúde no mundo inteiro, incluindo o Brasil tanto na rede pública quanto particular. A prevenção das infecções associadas aos cuidados de saúde é uma área central ao cuidar em enfermagem, no qual o enfermeiro detém um papel preponderante.

Profissionais de saúde devem se habituar à cultura da prevenção, reconhecimento precoce e adequado manejo de sequelas pós-sepse como forma de melhoria da qualidade assistencial.

Por este motivo, torna-se relevante que a equipe de Enfermagem tenha conhecimento dos sinais e sintomas característicos da sepse, já que a mesma vem adquirindo crescente importância devido ao aumento de sua incidência a melhoria no atendimento de emergência, para que mais pacientes graves sobrevivam ao insulto inicial; seja pelo aumento da população idosa e do número de pacientes imunossuprimidos, consideradas populações suscetíveis ao desenvolvimento de infecções graves.

REFERÊNCIAS

ANVISA; **5 de maio: dia mundial da higiene das mãos.** disponível em: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/noticias-anvisa/2023/5-de-maio-dia-mundial-da-higiene-das-maos#:~:t> acesso em: 12 de setembro de 2023.

Anais do FAVE – Fórum Acadêmico da Faculdade Vértix Trirriense - Univértix, Três Rios/RJ, novembro, 2023.

DE OLIVEIRA SANTOS, Willians Henrique et al. Assistência dos profissionais de enfermagem ao paciente com septicemia: um estudo de revisão integrativa. **brazilian journal of implantology and health sciences**, v. 5, n. 4, p. 391-401, 2023. disponível em: <https://repositorio.unifaema.edu.br/handle/123456789/3265>. acesso em: 07 de setembro de 2023

FUCHS ANTONIO ,Portugal Juana. **Sepse: a maior causa de morte nas utis**. Fiocruz portal,2021. disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/sepse-maior-causa-de-morte-nas-utis>. acesso em: 07 de setembro de 2023.

MOREIRA, Déborah Albuquerque Alves et al. **Assistência de enfermagem ao paciente com sepse: análise à luz do modelo conceitual de Myra Levine**. Escola Anna Nery, v. 26, 2022.disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/wrrpcqr3fzckkznypgt93xy/?format=pdf&lang=pt>. acesso em: 07 de setembro de 2023.

RAMOS, Aline Rafaela Santana. **As ações de enfermagem referente ao controle da sepse, em unidades de terapia intensiva-uti: uma revisão de literatura**. 2018.Disponívelem:https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-br&as_sdt=0%2c5&q=enfermagem+na+identifica%3%a7%3%a3o+de+septemia&btnq=#d=gs_gabs&t=1694135203751&u=%23p%3ddftgr_yhpxmj. acesso em: 07 de setembro de 2023

SILVA, Bruna Carolina Santos Da; Veríssimo, Thays Dutra Chiarato. **Enfermagem frente ao reconhecimento da septicemia: uma revisão integrativa da literatura**. 2022.disponívelem:<https://repositorio.unifaema.edu.br/bitstream/123456789/3265/1/runa%20carolina%20santos%20da%20silva.pdf>. acesso em: 07 de setembro de 2023

SIQUEIRA-Batista, Rodrigo et al. Sepse: atualidades e perspectivas. **Revista Brasileira de Terapia Intensiva**, v. 23, p. 207-216,2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbti/a/gdrf6hvjgcfyc3lwnxxcqs/>. acesso em: 07 de setembro de 2023.

SUQUYAMA Lorena;Santos Mônica; Miranda Fernanda. As ações de enfermagem frente à sepse, uma abordagem do paciente crítico: uma revisão da literatura. **Revista Científica Facmais**, v. 6,n.4.2017.disponívelem:<http://co.unicaen.com.br:89/periodicos/index.php/unica/article/view/166https://revistacientifica.facmais.com.br/wp-content/uploads/2018/01/3-as-a%3%87%3%95es-de-enfermagem-frente-%3%80-sepse-uma-abordagem-do-paciente-cr%3%8dtico-uma-revis%3%83o-da-literatura.pdf>. acesso em:11 de setembro de 2023.

TOMAZ, Pérciles Mendes et al. Septicemia em unidade de terapia intensiva da Paraíba. **Revista Interdisciplinar em Saúde**, v. 1, n. 1, p. 114-133, 2014.disponível

em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-br&as_sdt=0%2c5&q=enfermagem+na+identifica%C3%A7%C3%A3o+de+septicemia&btnq=#d=gs_qabs&t=1694134312135&u=%23p%3dsuvvahclpp0j .acesso em: 07 de setembro de 2023.

VIANA RAPP, Machado Fr, Souza Jla. **Sepse: um problema de saúde pública: a atuação e colaboração da enfermagem na rápida identificação e tratamento da doença.** Coren-sp; 2017. disponível em: https://portal.coren-sp.gov.br/sites/default/files/sepse_um_problema_de_saude_publica.pdf. acesso em: 11 de setembro de 2023.